



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

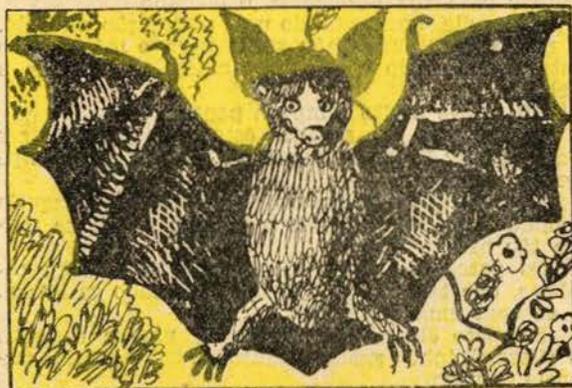
DE SANTA
RITA

O MORCEGO FEIOSO

Por ANÃO SABICHÃO

COMO lhes disse, eu determinara que alguns dos bichos da bicha dos bichos, viessem à minha presença, um por um. A senhora Coruja velha, enquanto o marido e os filhos bicavam, a torto e a direito, para meter na ordem a bicharia indisciplinada, piou, com autoridade:

— O primeiro a ser ouvido, tomem nisto bem sentido, é o morcego feioso que aí está como queixoso. —



Logo se levantou uma grande algazarra! O urso, furioso, dava patadas no chão, a cobra sibilava, nuns silvos muito agudos e vários outros bichos protestavam:

— Queremos ser nós, a erguer a voz! —

A muito custo, o Corujo e os seus ajudantes, conseguiram dominar os revoltosos que, confor-

(Continua na página 3)



O PEIXE ENCARNADO e o DOM RINHAUNHAU

Por ANTÓNIO GONÇALVES

EM casa da Milú, havia um lindo peixe encarnado, dentro dum aquário de vidro.

A Milú chamava-lhe o «Vermelhinho» e gostava tanto dele que, às vezes, estava horas a vêr as suas evoluções dentro do aquário, para onde ela deitava, de vez em quando, uma migalhinha de pão-de-ló.

Em casa morava, também, um gato — o Rinháunhau, que, quando via a Milú a dar mimos ao «Vermelhinho», andava à sua volta a miar e a fazer-lhe muitas festas.

Ora o Rinháunhau, como todos os gatos, gostava muito de peixe e, quando este escasseava, não percebia a razão porque deixavam aquele tolo do «Vermelhinho» continuar no seu aquário e o não tiravam de lá, para fazer com ele umas ricas sopinhas para sua excelência o bichano.

E um dia, aproveitando uma distração da Milú, o manhoso Rinháunhau subiu para o móvel onde estava o aquário e pôs-se, também, a admirar o peixe.

Ali esteve muito tempo a pensar:

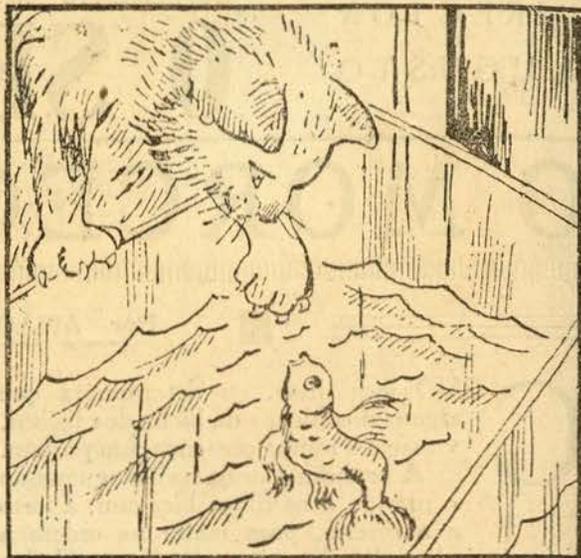
— Ora para que servirá este animal, a não ser para comer? E como poderá ele andar tanto tempo dentro de água?

E' claro que o Rinháunhau tinha medo daquele líquido tão clarinho, onde o «Vermelhinho» se sentia tão bem.

Os gatos são como certos meninos que eu conheço, que têm pavôr à água, e, quando se lavam, é só com uma das mãos...

Por isso ele não compreendia porque era que o «Vermelhinho» gostava tanto de estar metido naquele aquário.

O peixe vendo ali tão perto dele o «Rinháunhau» começou a suspeitar de que ele lhe preparava alguma partida e, desconfiado como estava, escondia-se mais para junto dumas plantas aquáticas, em vidro também, e pintadas a cores, que a Milú ali co-



locara para tornar a residência do «Vermelhinho» mais aprazível, mais confortável.

Os peixes também gostam das moradias bonitas, enfeitadas.

Mas, para o Rinháunhau, não havia nada mais do que o peixe e, quando ele passava quasi à superfície da água, o gato ia com a patinha para lhe deitar as unhas mas o «Vermelhinho» escondia-se outra vez — e o Rinháunhau ficava novamente à espera de melhor oportunidade.

Então, o «Vermelhinho», vendo que aquela teimozia nunca mais acabava, resolveu-se a ralhar com o bichano.

Fez três ou quatro balõesinhos, para chamar a atenção do caçador e, de lá do fundo, disse-lhe:

— Ouve lá Rinháunhau. Que mal te fiz eu para me queres tanto mal? «Não vês que sou o animal mais pacífico que existe e que nada justifica os teus maus instintos?»

O Rinháunhau ficou muito admirado de ouvir aquela vósita que saíu do aquário; olhando bem lá para dentro, respondeu:



— Não sabia, amigo «Vermelhinho» que podíamos conversar um com o outro. Ora ainda bem, porque eu tenho muitas coisas a dizer-te. Sobe um pouco mais e conversemos.

O «Vermelhinho» assim fez e o gato continuou:

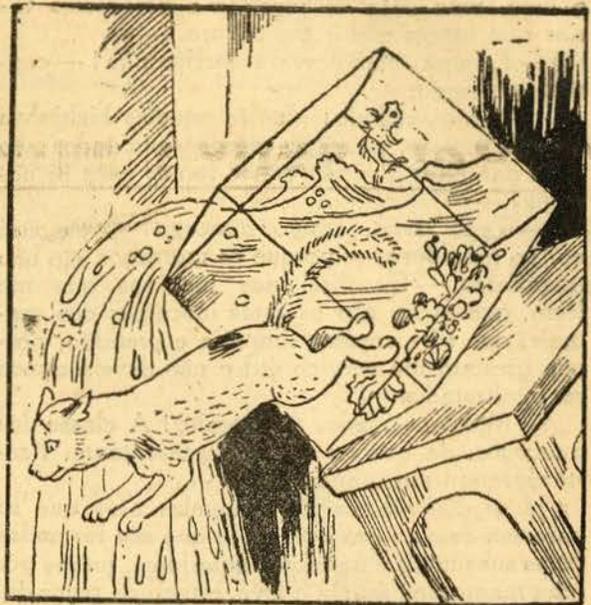
— Ora tu sabes, amigo «Vermelhinho», que isto de peixe é cousa rara nos tempos que vão correndo.

O tempo está mau e parece que os pescadores não podem sair para o mar, em busca dos teus colegas e a minha barriguinha anda cheia de saudades de umas espinhas. Porque te não sacrificas e não saltas daí para o meu tachinho?

O «Vermelhinho» olhou para o «Rinháu-nháu», muito sério e disse-lhe:

— Bem se vê que és um gato ordinário, mal educado e nada inteligente. Então tu supões que eu sou assim qualquer peixe de canastra que sirva apenas para as tuas guelas? Não vês como eu sou aqui tratado? Como pão-de-ló e outras coisas boas, a minha residência é, como vês, muito linda e a minha côr não é vulgar; por consequência tu devias pensar que eu não sou para as guelas dum gato.

O Rinháu-nháu exasperou-se com o insulto e como viu o «Vermelhinho» mesmo ali à mão, «truca»!... deita-lhes as unhas, mas... ó crueldade!... o peixe fugiu sem êle lhe tocar, o gato molhou a pata e a água estava tão fria, que o Rinháu-nháu, assustado, quiz fugir e arrastou consigo o lindo aquário de vidro.



Catrapuz!
Tudo no meio do chão!

A Milú veio a correr, viu aquela catástrofe, apañou o «Vermelhinho» que se debatia no tapete e foi pô-lo dentro de água noutra vasilha.

Depois, quiz saber qual a razão de tudo aquilo e viu atrás de uma porta, os olhos de Rinháu-nháu e, êste, com uma pata no ar, a sacudir a água que ainda lá estava.

Nada disse, mas foi buscar uma vassoura e deulhe com ela.

O Rinháu-nháu, para fugir às iras da Milú, foi esconder-se na carvoeira.

— Ai, sim?! — disse a Milú — pois ficas aí até amanhã, às escuras e sem comer! E fechou-lhe a porta.

Estava castigado o Rinháu-nháu.

E, claro, foi preciso comprar outro aquário para o «Vermelhinho», em virtude daquele ter ficado em pedaços.

O que sucedeu ao gato,
Sucedê a muito menino,
Quando faz um desacato.
Castigar um desatino
E' tempo bem empregado
P'ra que um dia tenha tino
O que fôr mal educado.

F I M



O MORCEGO FEIOSO — (Continuação da página 1)

me as minhas ordens, foram postos fóra da bicha dos bichos, pela sua má conduta.

Então, os outros viram que não levavam a melhor, se continuassem naquele desatino e foi, no meio de grande silêncio, que o morcego avançou, dando às asas, muito hesitante, tonto com a luz do sol.

— Coitado! — disse-lhe eu lamentando-o — Estás, a modos, peticego, a estas horas do dia.

— Pudera, senhor Anão! Sou bicho nocturno, vivo num buraco muito escuro, enquanto o sol anda no céu. Só, ao anoitecer, apareço e então meto num chinelo, todos vocês! — disse, dirigindo-se à bicharia.

— Vejo, que nem um lince! —

— E o que te traz por cá, meu amigo? O que

tens que dizer, em teu favor, para eu publicar no «Pim-Pam-Pum». —

— E' um caso de fôrça maior que me obriga a fazer êste sacrifício de saír assim, a tais horas! Mas faço-o, de muito boa vontade, em nome de tôda a classe dos morcegos, tão caluniados, tão mal vistos, por êsse mundo fóra! Têm-nos uma tal raiva!... Ouvimos, constantemente, os garotos do campo, gritando:

— Morcego, morcego, vem à cana que têm sebo. —

E logo uma cana rasga os ares, na intenção de nos ferir ou de nos matar! Que gente ignorante! Tem a mania que sômos uns bichos agourentos!... Nós, que até lhes fazemos tanto bem!... Enquanto voamos, vamos sempre caçando, com

o bico, uma data de insectos e borboletas várias que fazem mal à agricultura... —

— E fazem bem à vossa barriguinha! — concluí eu, rindo.

— Isso é verdade! Mas se aqueles bichinhos nos alimentam, para os campos cultivados são mais daninhos que nós nunca fomos para os homens! —

— Tens razão, amigo morcego! — respondi eu, ao mamífero, — porque os morcegos são uns mamíferos. — Eu direi aos meninos que me lêem, que vocês são os mais inocentes dos animais, que só merecem simpatia e gratidão, porque prestam um serviço útil e não devem nunca ser maltratados. —

— Muito obrigado, Anãozinho! A classe dos morcegos, de que eu sou o representante, fica-te devendo um grande favor. —

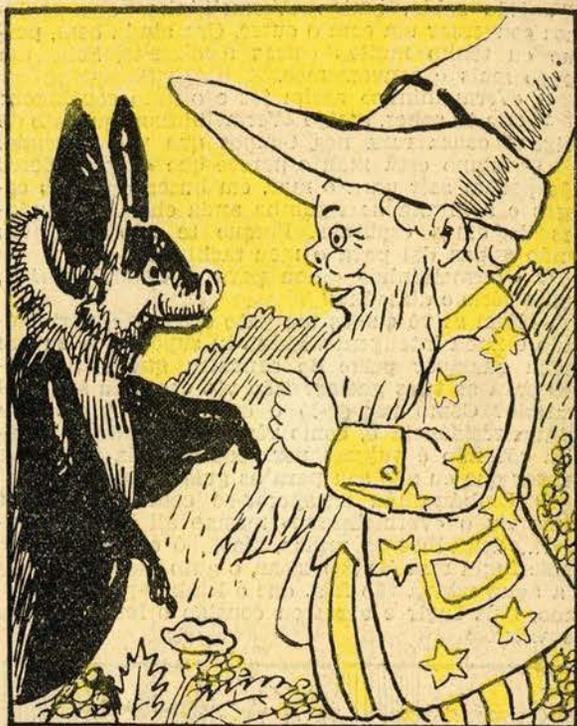
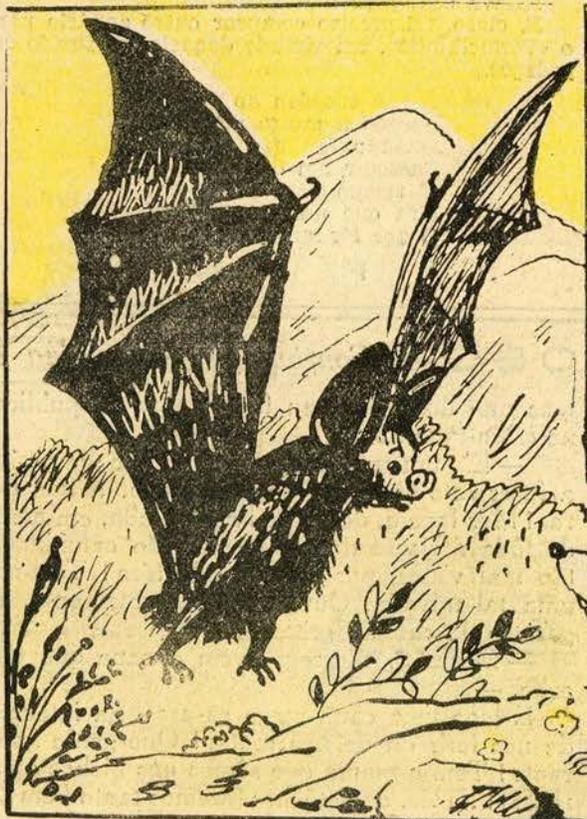
Já se dispunha a abrir aquelas asas que se parecem com as das aves, mas que são formadas pelas suas mãos e membros anteriores, prêsos por uma membrana ampla e leve, estendida pelos dedos, como o pano de um guarda-sol pelas varetas.

— Então, eu acudi.

— Antes de recolheres, vê se te lembras de alguma história que divirta os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum». Pagarás assim a dívida ao jornal, pela publicação da tua defesa tão justa. —

O morcego arrebitou as estranhas orelhas pedradas e, já nada tímido, antes muito cheio de si, exclamou:

— Ha dois casos na minha vida que me tornaram célebre entre a família dos morcegos e que mostram bem a minha esperteza. Um dia,



ao longo duma estrada, enredei-me nos fios telegráficos e, bumba!... caí por ali abaixo.

Dona dõinha que me vira, de longe, avançou sôbre mim, deitou-me as unhas e dispunha-se a devorar-me.

Mas, tagarela, como uma senhora vizinha, não se conteve, e disse, muito satisfeita:

— Oh, que pechincha!... E' o meu acepipe favorito!... Um morcego!...

Senti-me perdido!...

Então, em defesa da minha preciosa pele, tive uma inspiração sublime e repliquei, num lamento:

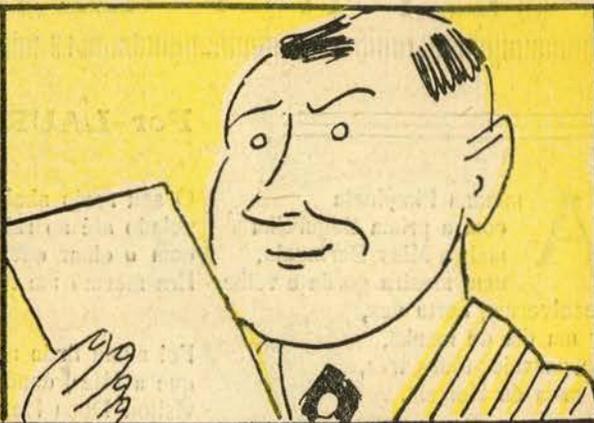
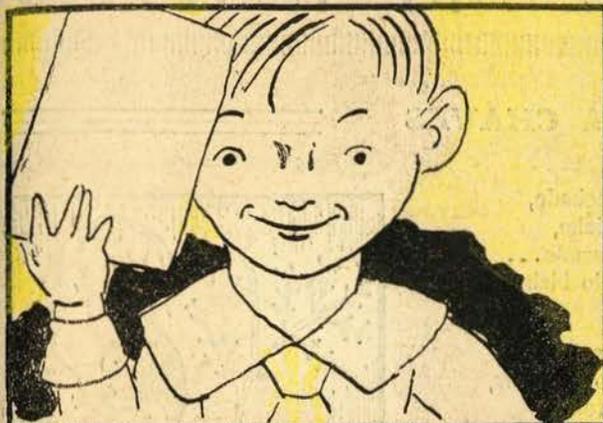
— Vossa Senhora está equivocada. Eu não sou um morcego, sou um simples rato! Não vê as minhas orelhas?... —

E a coisa pegou, porque Dona Doninha, tôda enjoada, largou-me, deixando-me em liberdade. Daí a tempos, nova calamidade!

Um ramo duma árvore, onde eu estava pousado, quebrou e, na queda, levou-me, de roldão. Aos saltinhos, já com os dentes afiados para

(Continua na página 7)

O FIGURINO



Carlitos, tendo sabido que sua Mãe: — D. Zeca — ia fazer um vestido, foi comprar a uma loja um figurino garrido.

Como o paizinho não sai há dois dias, por doença, o nosso Carlitos vai logo mostrar, sem detença, o figurino a seu pai.



O pai observa o, sorrindo da lembrança que êle tem e diz-lhe, apenas: — «E' lindo! Vai mostrá-lo à tua Mãe!»

Por sua vez a mamã, ante o modelo de artista, exclama: — «Já amanhã irei levá-lo à modista.»

E com um ar presumido, que está mesmo a pedir chuva, acrescenta: — «Êste vestido vai-me ficar uma luva!»

PENA DE TALIÃO

Por LAURA CHAVES

A menina Pimpinela com a prima Segurelha mais a Miss Beringela, uma mestra gorda e velha, resolveram, certa vez, ir um dia de manhã, de passeio, tôdas três, a casa da Hortelã.

Esta, na horta morava, à beirinha dum canteiro e por vizinha contava as outras ervas de cheiro. Era a Salsa ramalhuda, o Coentro rendilhado, e a Chicória farfalhuda vivia do outro lado, num talhão especial onde também assistia Dona Alface, o Feijoal, o Tomate, a Melancia, Nabos, Cebolas, Nabiças, Grêlos, Couve-portuguêsa, uma porção de hortaliças que era mesmo uma beleza.

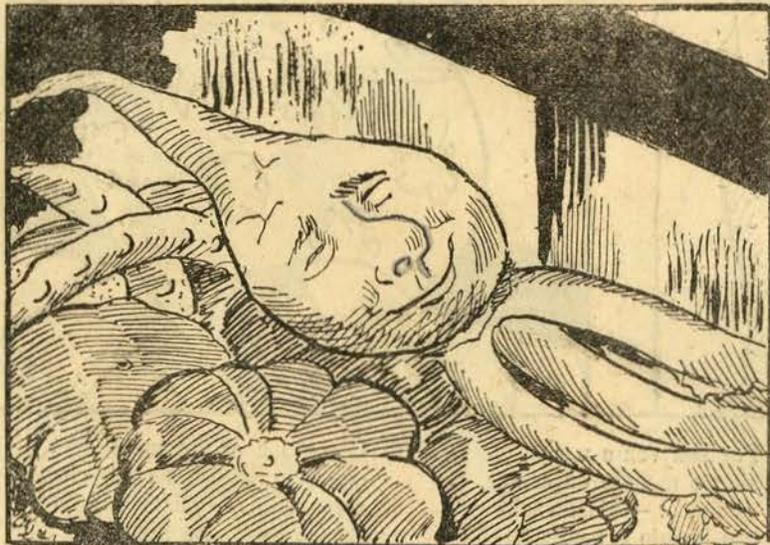
O que ali estava era bom, mas resolvera o Destino que houvesse um fora de tom: o Rabanete mofino. Todos diziam à uma não ser êle português... Se usava rabicho, em suma, o patife era chinês.

O seu rosto abolachado, pelado até ao rabicho, com o olhar enviuzado... Era mesmo um feio bicho!

Foi numa linda manhã que a Miss, dando à canela, visitou Dona Hortelã. Foi também a Pimpinela, mais a prima Segurelha a correr e a saltar, acompanhadas da velha que ia sempre a resmungar porque as duas malcriadas troçavam daquilo tudo! Davam grandes gargalhadas e ao verem o ar trombudo do tal senhor Rabanete que as olhava de revés até pintaram o sete gritando: — Fora o Chinês! Este berrou: — Que diabo! Chamarem-me oriental! Mas eu sou primo do nabo que é um internacional! Cada um como nasceu. Se o rabicho traz enguiço o proyeito é todo meu, ninguém tem nada com isso! E o Rabanete encarnado mandando-as para o diacho, voltou-lhe as costas, danado e meteu-se terra abaixo.



Mas quinze dias passaram, se me não falha a memória, numa casa se encontraram os heróis da nossa história. Segurelha e Pimpinela cortadas em mil niquinhos dentro de enorme panela ferviam dando pulinhos. E, cada vez que pulavam, queimadas na água quente, as pobrezinhas gritavam: — Tenham dó de nós, ó gente! Num prato, o tal Rabanete, barbeadinho a primor, já livre do seu topete, disse, ouvindo êste clamor: — Chegou-me a vez desejada de vocês duas troçar. Sem ter música nem nada, meninas, toca a bailar! Foi bem feito! Foi bem feito! o que lhes aconteceu... Troçaram-me sem respeito, agora troço-vos eu!



.....
Todo o trocista faz moessa sem pensar, o malcriado, que aquele que hoje assim troça pode um dia ser troçado.

Concursos Charadísticos PARA OS MENINOS COLORIREM

SECÇÃO RECREATIVA

Número 10 — 1.º Concurso

NOTA: Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser endereçada a *Américo Toborda (Rei do Sêbo)* — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 43 — Lisboa.

Decifrações do n.º de 23-5-935

(ANULADO)

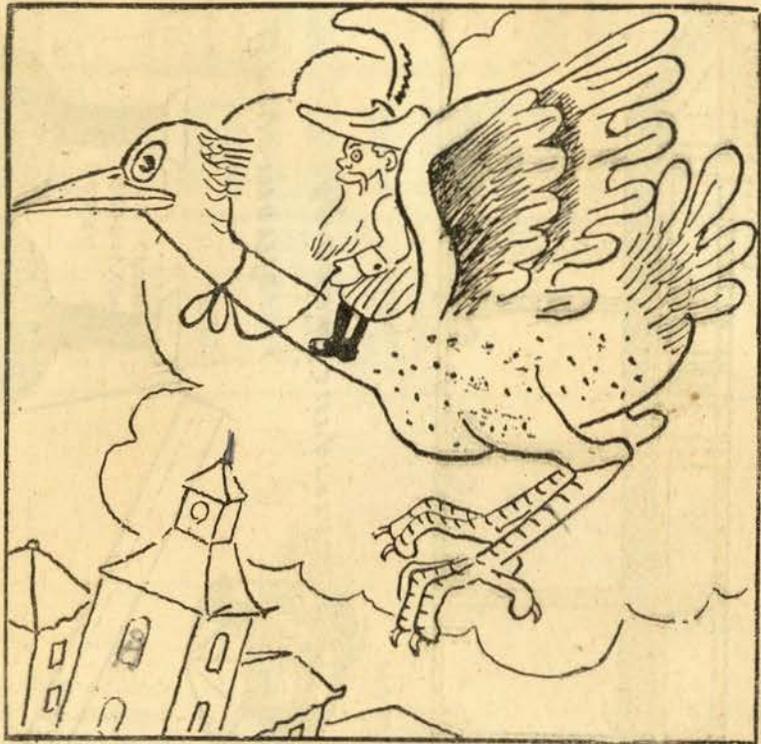
1 — Lançaluz; 2 — Portaló; 3 — Perduravelmente; 4 — Galhardo-gado; 5 — Denodo-dedo; 6 — Cabilda-cada; 7 — Lúbrico-luco; 8 — Frémido-freto.

Decifradores

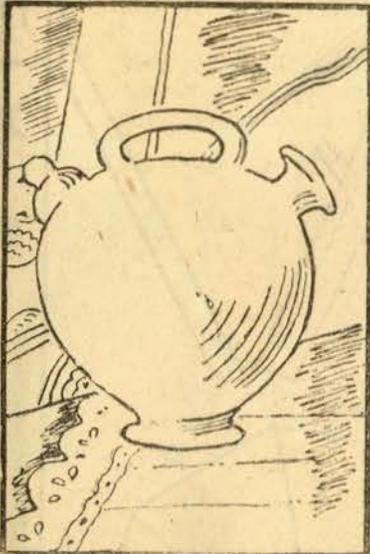
Anjocarfer, Dália de Jesus, Fernandoso, 8 (totalidade) — Zéca, 6 — Zé Quitolas, Zeuzinho, 4 — Um decifrador, 1.

Decifrações do n.º 4

1 — Lagosta; 2 — ALVORADA; 3 — Galhofa-gafa; 4 — Coruche-coche; 5 — Ardente-arte; 6 — Fidalgo-figo; 7 — Cavalo-cavala; 8 — Jacinto; 9 — Sapateiro; 10 — Ler entre linhas; 11 — Lamarosa; 12 — LEME.



A DIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem quem está bebendo por este moringue?

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 2 — SIR MISTÉRIO — 6 votos
N.º 2 — RUCAS — 5 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 3, de «Bébe», 4 votos; n.º 10, de «Barba Azul», 3; n.º 5, 2; n.º 6, 1; n.º 11, 1.

Decifradores

QUADRO DE HONRA

Anjocarfer, Barba Azul, Béu, Dália de Jesus, Dois Manos, Fernandoso, Lilicas, Lucas, Noémia, Um decifrador, Zeca, Zé Guinoro, Zé Quitolas.
(Decifraram 12 — Totalidade)

QUADRO DE MÉRITO

António C. Abreu, I. Atirbac, Romualdo T. Santos, Zé Gaspar, Zeuzinho, 11 — António Freire, Ariévol, 10 — Chalet d'Ossos, 9 — Alfredo Matos, Maria do Ar, 8.

Charadas

NOVISSIMAS

1 — Aquela «côr» é a do «pássaro» que canta a trova popular. — 2-2

Setubal — Lucas

2 — Aqui é lndo o panorama; assim fosse a tua madeira. — 1-2

Leiria — Ramon Novarro

3 — Já te disse duas vezes que não voltes aqui para jogar este jogo de cartas! — 1-1

Coimbra — Maria do Ar

O MORCEGO FEIOSO — (Continuado da página 4)

a comesaina, saltou-me um rato em cima. E, em exclamações de alegria, guinchava:

— Oh, que delícia! E' o meu petisco favorito!

Um morcego! —

Ao ver o grande perigo que corria, gaguejei, aflito:

— Vossa Senhoria está enganada! Eu não sou um morcego, sou um pardal! Não me reconheceu pelas minhas asas? —

O rato quiz certificar-se e pôs-se de lado, en-

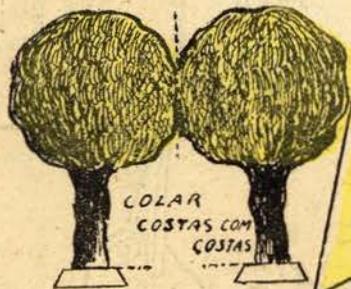
quanto eu abria as asas e levantava vôo, fugindo por ali fóra! —

Um côro de gargalhadas acolheu as histórias do finório morcego!

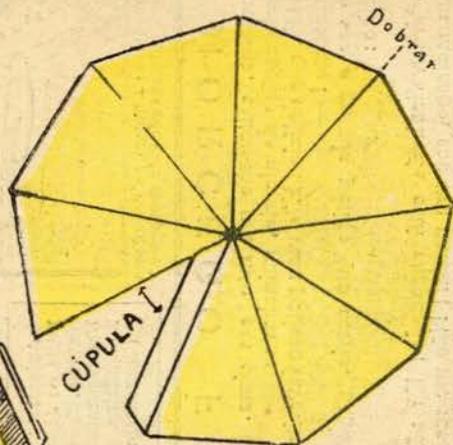
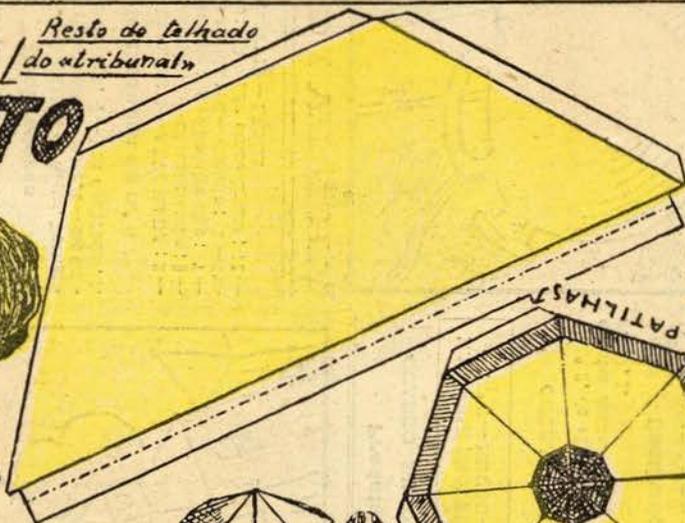
Muito orgulhoso com o sucesso obtido, êle ergueu-se no ar, sempre um pouco ao acaso, unicamente guiado pelos píus agudos dos outros morcegos que, dentro das grutas, dos rochedos, das tôres, dos buracos das árvores e casas arruinadas, o chamavam, ansioso por saber o resultado da audiência.

15ª Fôlha: *Resto do telhado do «tribunal»*

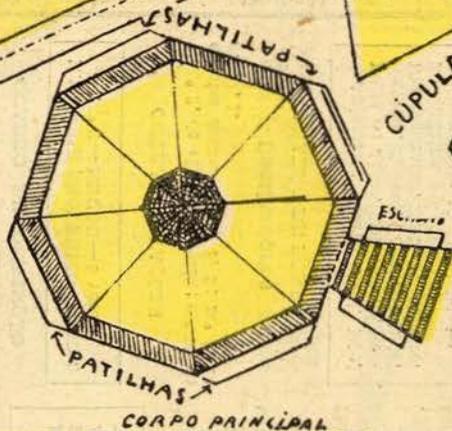
CORETO



COLAR COSTAS COM COSTAS

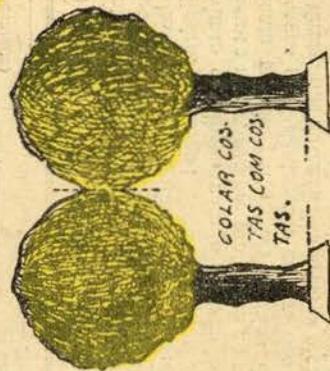


MODÉLO



PATILHAS

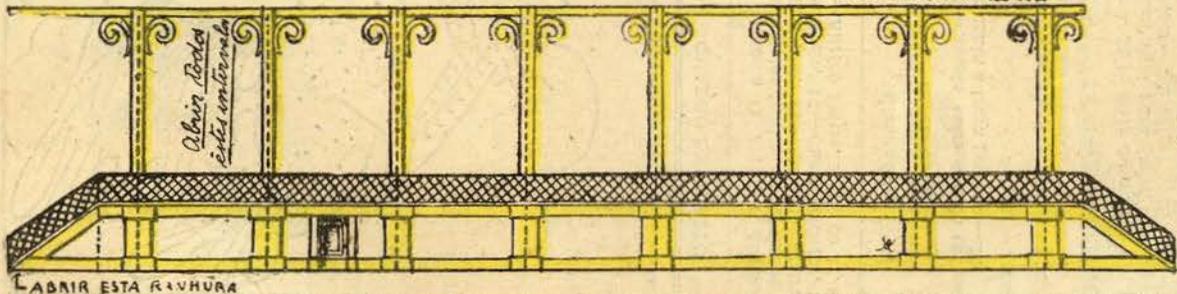
CORPO PRINCIPAL



COLAR COSTAS COM COSTAS

Brevemente:

Agradável surpresa



ABRIR ESTA RANHURA

ABRIR ESTA RANHURA

A. J. J. J.

Pintar de encarnado a parte do telhado